

intercâmbio

LUSO-BRASILEIRO

I—Considerações Gerais.—II—O livro e a cultura. III—O problema mercantil.

IV—O animismo recíproco e sua evolução.

I

CONSIDERAÇÕES GERAIS

É a corrente de opinião que em Portugal se interessa pelo estreitamento de relações com o Brasil que se destinam êstes ligeiros reparos, simples, desprezenciosos, no intento de colocar a questão no plano que lhe compete, único capaz de conduzir a resultados apreciáveis. Porque, se o povo nada mais conhece do grande país sul-americano, além dos limitados dados geográficos e históricos colhidos em compêndios recheados de estatísticas quasi sempre anacrônicas—nesta vertiginosa marcha das sociedades, a que assistimos—; se meia-duzia de eruditos, viajados no país das selvas e por lá entretidos poucas semanas, digamos meses, em alegre convivio de intellectuais e de políticos, partilhando banquetes, rodando de auto na suavidade asfaltada das avenidas e fazendo o *footing* nos centros movimentados do Rio de S. Paulo, pouco mais trazem da outra margem do Atlântico, além da estonteante vertigem que lhes deixa a feéria dum mundo de sonho vivido numa nesga de tempo, e do sentimento de lisonja a que a gentileza os captivou e a etiqueta os obriga—a verdade, a nua verdade é que, para todos ou quasi, o Brasil continua a ser, apenas, a terra dos papagaios e dos saguis, a região lendária que, em tempos, nos mandou ouro às mãos cheias, onde depois medrou a capitosa árvore das patacas, saúdosa memória, e cujo solo, onde nunca pisou o pé de Cristo, tem hoje a pretensão de se bastar, esquecendo ingratamente a mãe adoptiva que lhe abriu nos flancos os primeiros úberes. Para uns e para outros—para todos— a ideia de **aproximação** é coisa vaga e, até agora pelo menos, indefinida. Os utilitaristas ambicionam, apenas, refazer o mercado que perderam; os doutos, seguindo-lhes na cola, esfalfam-se românticamente por uma *símbiose* mental impossível, dada a disparidade de conveniências, a diferente projecção da cultura e, notoriamente, a considerável distância que medeia entre os dois níveis de educação popular.

Ora, o Brasil de hoje, sem deixar de ser, por si só, ainda, verdadeiro mundo em formação,

pode considerar-se plenamente emancipado e todos as tutelas, possuidor de recursos bastos, com tais características e tão peculiar feição que não haverá maneira de lhe alterar uma só das múltiplas manifestações da sua espontânea irradiação. Precisamos de o encarar tal como é; e, em seguida, efectuar a permuta do que, útilmente, pelas duas nações fór permutável. Tudo o mais é químera que para nada presta, simples pretexto para lindos passeios, Atlântico em fora, e para brindes e discursos. A obra necessária fica sempre em incubação, por falta de carinhoso calor que só o estudo ponderado, a experiência reflectida e a seriedade de propósitos poderiam conseguir, a curto prazo.

//

Longe de fazer parte das sociedades de formação comunitária abalada, lugar que lhe marca a famosa nomenclatura de Demolins, a meu ver inapplicável aos países americanos, onde os motivos de estagnação e de progresso são bem diversos dos que originam as repetidas crises económicas e suas repercussões na vida das sociedades milenares, o Brasil, imenso cadinho onde todas as raças da terra se fundiram e a que todos os povos deram e continuam a dar copioso contingente de energias, amálgamas de características como nenhuma outra—nem mesmo a **yankee**—terra vastíssima onde todas as produções são possíveis, e com tal variedade e riqueza climatéricas que também nenhuma outra nação iguala, o Brasil, diziamos, tem de ser estudado no conjunto das suas possibilidades, nas inumeráveis facetas do seu brilho. Precisamos de o conhecer intimamente. Precisamos de nos fazer conhecer, tal como somos, não só dos colonos, mas dos brasileiros. Não será apenas o compatriota que lá temos e cujo saudosismo e sentimentos patrióticos e nostálgicos se conservam mais ou menos vivos, quem procuraremos aliciar. Será ao filho do país, ao brasileiro nato, inseparável do seu torrão e defensor acérrimo dos seus interesses, zeloso dos seus títulos de nobreza nacional e duma cultura que, dia a dia, mais e mais se particulariza, que futuramente teremos de nos dirigir para que se efectue permuta honesta, intensa e proveitosa que ambicionamos entre as duas nações. Só assim conseguiremos realizar a nobre aspiração que nos norteia e de que preciosos frutos colheremos, uns e outros, portugueses e brasileiros, unidos pela língua pela tradição, pelos interesses e por ideais afins.

A L B E R T O L I M A